

Compreende-se, assim, que o "estouro da boiada" empolgasse Euclides mais do que cotidianos acontecimentos sertanejos menos teatralmente sobrecarregados de sugestões significativas para a caracterização, a que se propôs, de um homem ecologicamente situado. Caracterização que, em grande parte, conseguiu, tendo dado a um bravo mestiço de branco e ameríndio relevo excepcional, entre tipos regionais brasileiros de homem situado. Heróico, para ele, quase que só, tal sua predileção, em parte, arbitrária, pelo sertanejo com quase exclusão de outros heroísmos.

Das rodas que viu transportarem, sertões adentro, canhões Krupp, diz Euclides, em páginas magnificamente imortais, lembrarem as "rodas dos carros de Silva". Rodando pelas serrarias altas e pelos tabuleiros vastos, deixariam "sulcos sanguinolentos". Estes "sulcos sanguinolentos" — comente-se a evocação de Euclides — em terras brasileiras — as sertanejas — virgens, entretanto, dos sulcos de ferro pacificamente construtivos: arados ou tratores. Virgens das presenças positivas de ferros construtivamente civilizadores. A civilização europeizante a chegar a sertões só pelas bocas dos canhões Krupp. Ou por máquinas "do mais fino aço que se fundira em Essen". Matéria para arroubos de eloquência épica de protesto.

Esses brados pungentemente caboclos do misto de "tapuío, celta e grego", como a si mesmo considerava o autor de *Os Sertões*, chegam até os ouvidos do brasileiro de hoje, menos como helenismos épicos que como roncões de tapuíos — ou caboclos — esmagados pelos Krupps imperialmente europeus.

Euclides é brasileiromente épico, em sua denúncia do erro oficialmente brasileiro que foi a destruição de Canudos. Como que considera, em *Os Sertões*, os canhões germânicos, a serviço dessa destruição, "como tendo vida", à base da maneira por que os jagunços os atacavam. Com efeito, Euclides registra o episódio de sertanejos que tentaram um assalto aos Krupps, um deles, segundo o autor de *Os Sertões*, "campeador terrível", tendo saltado sobre um canhão "que abarcou nos braços musculosos", como se "estrangulasse um monstro". Aqui o modo de Euclides ser épico é um modo criativamente, brasileiromente, épico: o que havia de tapuío, nele, falando por outros brasileiros de sangue tapuío. Superação da, noutras partes do grande livro, imitação literária de modelos helenicamente clássicos de expressão literariamente helenica e épica de todo artificiais, quando aplicados a situações tão mais tapuías do que celtas e gregas como as do Brasil sertanejo.

Nas palavras de Euclides da Cunha, poeta épico brasileiro, definindo o Krupp como se tivesse vida e vendo sertanejos nos Krupps de

"dorso lúcido e negro", com olhos de quem se defrontasse com monstro ou dragão igual aos das histórias por eles ouvidas, quando crianças rústicas, Euclides como que evoca os brasileiros de sangue tapuío, a quase se suicidarem nesses embates: "arrojam-se sobre o monstro. Assaltam-no; aferram-no, jugulam-no". Os em parte descendentes de tapuíos a arrojamem-se sobre os Krupps germânicos de "dorso lúcido e negro". Aqui o Euclides brasileiromente épico a superar, no seu modo poético de ser escritor lusotropical, helenices literárias.

Compreende-se o clamor de Euclides contra o que lhe pareceu erro de governos brasileiros que teriam envolvido o Exército. Daí suas palavras enfáticas. "A campanha de Canudos... foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo." Palavras comentadas por Mr. Bacon: "Aqui vemos a sua compaixão, como também a paixão de indignação que o impulsionou para iniciar o livro." Para o intérprete inglês teria havido "mais uma finalidade de Euclides em escrever *Os Sertões* a ser notada. E para fixar bem esta, é necessário fazermos uma análise. Pois o nosso autor, reservado e casmurro como era, não escreveria no começo: "Eu quero que isto seja uma grande obra de literatura."

A evidência de que ele tinha ambições literárias é substancial. Note-se que o livro ganhou a atenção dos críticos e do público em primeira instância pelas suas qualidades como literatura. Como romance, até. Na preparação de *Os Sertões* uma das maiores preocupações do autor — acentue-se sempre — foi acertar no estilo, na gramática, até na pontuação. Estas "são preocupações do literato, e não do cientista", adianta o graduado de Cambridge para quem "tão forte era a sua ansiedade neste particular, que temos o delicioso incidente, incrível se fosse contado a respeito de um pobre mortal comum: Euclides, na Casa Publicadora de Laemmert e Cia., a primeira edição de *Os Sertões* no balcão à sua frente, e ele freneticamente empenhado em purgar, com tinta nanquim e ponta de canivete, a edição inteira das últimas máculas que tinha, ou que ele imaginava!" E mais: "a sua carta ao amigo Escobar, depois da publicação do livro, mostra a mesma ansiedade. Nesta carta ele se compara com Victor Hugo, em outra, com Shakespeare e Miguel Ângelo, Dumas e Walter Scott, literatos e outros obreiros da arte, não a cientistas. Mas ele mesmo expressa o seu ideal; empregar a ciência no serviço da literatura..."

Desnecessário que se procure atualmente justificar em Euclides ter escrito *Os Sertões* como obra mais literária que científica. Literatura e ciência não se excluem. E a conciliação desses só aparentes contrários tem sido realizada em obras do mais alto valor.



Desenho
de Portinari